

A performance artística a partir das relações com as coisas-memória: artes visuais, cotidiano, afetos, dança e vida

TATIANA DOS SANTOS DUARTE¹; EDUARDA AZEVEDO GONÇALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – hecateciclops@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – dudaeduarda.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada A performance artística a partir das relações com as coisas-memória: artes visuais, cotidiano, afetos, dança e vida, em andamento e desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, trata do processo de criação em performance motivado pelo resgate de memórias afetivas. Vou ao encontro das relações das coisas-memória do cotidiano para a elaboração de performances e, assim, estabeleço uma produção de sentido singular em minha poética artística. A videoperformance *Mandiocal* (fig. 1), abordada aqui, revela como a memória-hábito e lembrança-pura – conceitos de Henri Bergson (2010) – são motivações de meus fazeres artísticos. A partir da compreensão desta memória trago à tona as coisas-memória do cotidiano, colocando inquietações do presente e de um passado (infância com minha avó), atualizo as percepções das minhas práticas, os gestos, os objetos e vestimentas. Minha avó, Amélia Antônia dos Santos, era uma mulher simples do campo e de descendência indígena que vivia na zona rural. Morou em diversos locais, mas pelas redondezas da cidade de Porto Alegre, ou em Guaíba, é onde consigo localizar as recordações do que passei com ela em minhas férias quando criança.

Questões de pesquisa que surgem para provocar aprofundamentos: Como a memória engendra processos, surge à superfície durante a criação e se potencializa na criação performática de minha poética?

Figura 1: Fotomontagem do *Mandiocal*, 2018. videoperformance. Foto de Thiago Rodeghiero, Acervo Pessoal.



Fonte da videoperformance: <https://goo.gl/xaQvPq>

2. METODOLOGIA

Metodologia da pesquisa em poéticas visuais, em que o artista ao mesmo tempo que processa a produção artística encontra a dimensão poética da mesma (REY, 1996). Partindo de leituras e da prática do fazer performático acesso as memórias que em mim habitam e se atualizam, as memórias dos acontecimentos vividos com minha avó, como preceito também de resistir ao apagamento de pessoas.

Uso das memórias como força de criação. Começo pelas escolhas de objetos que me são afetivos e que permitem um contato mais íntimo com meu passado. No caso da videoperformance *Mandiocal*, que são resgates de vivências junto à Avó, o procedimento foi envolvido pelo desejo de fazer uma ação artística, mas deixando lacunas para serem atravessadas pelas coisas-memória.

Investiguei conceitos como coisa (SCHÖPKE, 2010) e memória (BERGSON, 2010), e construo um pensamento acerca de uma coisa-memória. Pelo fazer, durante os atos de performance, as coisas começam a ganhar forma, e assim, saem e posso dizer pela arte. Sou afetada e me deixo afetar por essas não certezas que compõem minha prática e processo de trabalho.

A partir das memórias de infância com minha avó e das lembranças que permeiam este passado, vêm à tona movimentos, gestos, objetos, vestimentas e lugares.

Busco artistas que compõem e me ajudam a construir o trabalho. Neles encontro similitude e diferenças para dar suporte nas questões que trago. Trago Marina Abramovic, por ser precursora da performance, onde coloca em risco os limites do corpo e mente para reviver acontecimentos. Neste sentindo coloco o pensamento para relacionar com as ações performáticas, memórias e sensações vividas por ela.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A videoperformance *Mandiocal* é um convite a entrar neste lugar-terra-chão-solo, nesta plantação interior de cada um, dos enraizamentos e da vida: se pensar no mundo. *Mandiocal* parte das raízes da mandioca, cria um lugar de relação sentimental, a plantação que leva o movimento a se tornar sensível aos ciclos naturais de vida e morte.

Inicialmente, pensei em fazer um vídeo. Como ia a São Paulo, para visitar minha irmã, achei melhor levar o vestido vermelho, mandei costurá-lo em 2014, para homenagear minha avó (nesta data ela ainda estava viva). Tinha lembranças com a cor vermelha, que, segundo ela, remetia à proteção. Pelo que representava para minha avó, levo sempre comigo essa cor.

A palavra coisa que trago como pensamento, se constrói a partir do conceito de Immanuel Kant de que a coisa, segundo Regina Schoke, é "um conceito bastante amplo que abarca tudo que existe, seja de natureza corpórea ou incorpórea[...] [e] também aos objetos mentais, aos objetos da imaginação, objetos do desejo." (SCHOKE, 2010, p. 58).

Permito-me discorrer sobre a coisa em si, também envolvida pelo pensamento de Immanuel Kant, e, tateando, vou ao encontro do termo para aprofundar-me: a coisa-memória em si é "algo que existe, mas está fora do âmbito da nossa percepção e do próprio pensamento" (SCHOKE, 2010, p. 58). Trago a coisa-memória como uma forma desta coisa em si; uma tentativa de formalizar, através da performance, as coisas que me habitam, de perceber além

do sensível, não por representação, mas por trazer à superfície a expressão, e, assim, tentar dar um contorno, uma forma para as coisas não ditas.

A repetição, execução da mesma ação múltiplas vezes, torna-se uma memória-hábito. Imprime na memória lembranças, acontecimentos que, por se acumularem, vêm à superfície de maneira automática, quase sem pensar. Aprendemos a caminhar com muito esforço repetitivo, logo sabemos, não pensamos mais sobre os passos dados, eles entram em nossos corpos de maneira a aliviar a tensão de ter que lembrar tudo a todo momento.

A memória pura partindo de acontecimentos vem em fragmentos, a lembrança vem turva, aos poucos, pelo experimento; através de um lugar (como no mandiocal que fui) me conecto com a minha avó. Além de estar lembrando o seu funeral, também estava fazendo outra experiência, um tempo de pausa, os pés no chão, pela troca com o solo, os momentos de silêncio em que o acontecimento se atualiza com o que tenho de memória. A percepção destas lembranças puras, junto com a performance, mais a experiência, atualizam a expressão e me trazem sossego, cavando espaço para um outro tipo de ritual pelo contato com a terra.

Estou no resgate de memórias reféns do esquecimento, a vida cotidiana não permite que nos afetemos pelas lembranças. Tinha duas coisas em mente: fazer um vídeo com o vestido vermelho, deixando lacunas para outras coisas me atravessarem; compreender o que poderia sair, a partir da vivência com minha irmã e sobrinhos (era um momento propício), vendo os estímulos para a criação.

Em meio a uma visita à casa de minha irmã, envolvo-me numa intensa correria, pela rotina dela de estar sempre no carro deslocando-se (às vezes são mais de três horas por dia). Percebo que o tempo passa e preciso de força para que as coisas me afetem devido à intensidade de uma cidade engolidora das potências de vida. Logo antes de voltar para minha casa, no final da visita, decidi fazer o vídeo na plantação de mandiocas no quintal de minha irmã. Thiago Rodeghiero (mestrando em educação, artista e videomaker) registrou a ação. Fiquei parada por cinco minutos de pés descalços no solo e ele gravou um plano sequência com a câmera na mão, eu queria as oscilações da respiração.

A artista sérvia Marina Abramovic me ajuda a compreender meu processo de criação neste trabalho, percebo relações com a performance e a videoperformance resultante, por questões na produção artística que são autorreferenciais. Traço uma afinidade com a performance *The Lovers - The Great Wall Walk* (1988) e a videoperformance *The Lovers - Boat Emptying, Stream Entering* (1988), estas selaram a separação de Abramovic com Ulay. Os performers percebem, durante o percurso, como a caminhada pelas muralhas altera seus estados – possibilitados por momentos de interiorização com suas memórias e lembranças – até o adeus.

Nos estudos sobre esta performer encontro a referência de produção artística que tem como mote as memórias e vivências pessoais. Abramovic, no percurso realizado pela via da muralha da China, relembra memórias com seu ex-companheiro. Em Mandiocal é onde percorro e vislumbro forças para compreender meus atos performáticos; onde vejo como é possível localizar os desdobramentos em minha criação. Ao ficar em uma plantação de mandioca com um vestido que fiz para minha avó ainda em vida, sendo filmada trazendo à tona um ritual de morte, sou colocada num estado de mente e corpo propício a encontrar estas memórias.

Neste ponto percebo a relação com *Mandiocal*, pois estava conectada com a plantação, e ao mesmo tempo, era como se estivesse em um estado de separação, compreendendo a relação com a morte, uma espécie de ritual de

despedida. Marina diz que é um "vazamento de barco, fluxo entrando" (ABRAMOVIC, 1990, s/p), e com este pensamento percebo uma energia vinda do chão, quando eu fico com os pés descalços no solo. Neste sentido, penso que perpasso por estes estados energéticos do solo, da plantação, criando este lugar de acesso para outro caminho – assim como Marina o fez –, podendo compreender as coisas-memória e não ditas pela minha avó.

4. CONCLUSÕES

A videoperformance *Mandiocal* evidencia as relações entre a arte e o cotidiano, como as vivências pessoais podem ser motivadoras da criação e um modo de expressão artística. O processo de criação mostra as relações afetivas que se atualizam e encontram em dimensões teóricas e pelos referenciais artísticos. Assim, pude verificar que o conceito de memória perpassa e vincula o pensamento em processo com a filosofia atualizando a dimensão prática-afetiva da pesquisa. Deste modo revelou uma relação com as produções de artistas que extraem de suas experiências o mote para a criação. O movimento dos elementos subjetivos da artista contemporânea num contexto da linguagem da performance, me permite evidenciar a memória e os gestos afetivos que fazem parte de um escopo de produções e de sentidos humanos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito, São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BERNSTEIN, Ana. A casa com vista para o mar de Marina Abramovic: entrevista a Ana Bernstein. In: **Revista Sala Preta**. 2003.
- BERNSTEIN, Ana. **Marina Abramovic**: conversa com Ana Bernstein. São Paulo: Caderno Videobrasil, 2005.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011a.
- GOLDBEG, Roselee. **A arte da performance**: do futurismo ao presente. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GOY, Bernard. "Marina Abramović", **Journal of Contemporary Art**, Inc. 3 (June 1990).
- REY, Sandra. Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais, **Porto Arte**, Porto Alegre, v.7, n.13, p. 81-95, nov.1996.
- SCHÖPKE, Regina. **Dicionário filosófico**: conceitos fundamentais. São Paulo: Martins Fontes, 2010.